



Encontro Inter-regiões - Nordeste

Região Nordeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00333
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal da Paraíba
CAMPUS	João Pessoa
CIDADE	João Pessoa
UF	PB
CATEGORIA	PT
MODALIDADE	PT15
TÍTULO	Partejar: Formação, Difusão e Produção Audiovisual no (Re)conhecimento das Tradições Indígenas e na Resistência dos Saberes das Mulheres Potiguara
ESTUDANTE-LÍDER	Micaelle Lages Lucena
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Cinema e Audiovisual
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Talita dos Santos França (Universidade Federal da Paraíba); Érika Raissa Pereira da Silva Paz (Universidade Federal da Paraíba); Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle (Universidade Federal da Paraíba)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

O Partejar é um macroprojeto de extensão universitário da Universidade Federal da Paraíba que surgiu no ano de 2015 na área da saúde com o intuito de valorizar a (re)humanização do parto. Durante o período de 2019 o Partejar, composto majoritariamente por mulheres, se expandiu migrando dos hospitais da capital Paraibana para o litoral norte do Estado, no território do Povo Potiguara, e se uniu às áreas de antropologia e comunicação, proporcionando a interdisciplinaridade dentro do projeto. O objetivo do projeto é proporcionar troca de saberes e vivências no contato com as tradições da comunidade potiguara. "É um projeto que visa à articulação de diversas ciências a fim de que cada uma possa fortalecer a atuação coletiva em campo e a pesquisa realizada, gerando debates enriquecidos por diversas epistemes e epistemologias." (LUCENA; VALLE, 2020). Diante das várias vertentes do macroprojeto Partejar surgiu o projeto "Partejar: formação, difusão e produção audiovisual no (re)conhecimento das tradições indígenas e na resistência dos saberes das mulheres Potiguaras" que teve como objetivo central promover a aproximação das jovens indígenas, com base na aldeia Toré Forte, com a linguagem do audiovisual para que elas conseguissem produzir conteúdos que dessem visibilidade às práticas e saberes das Parteadoras Potiguaras da Paraíba. O curso, ministrado por alunas bolsistas e voluntárias dos cursos de artes visuais, jornalismo, radialismo e cinema e audiovisual, tinha por objetivo, além de simplesmente ensinar conteúdos técnicos sobre produção cinematográfica, construir um espaço coletivo de sala de aulas com trocas de saberes para que no final as alunas produzissem seu próprio filme. O projeto se deu com aulas de pedagogia engajada, sob a ótica dos saberes de Paulo Freire e bell hooks, em um processo de reforçar a linguagem cinematográfica como ferramenta de empoderamento e de produção de conhecimento por parte da comunidade envolvida. A capacitação de jovens indígenas como produtoras audiovisuais dentro dessa extensão surgiu e se sustentou na intenção de valorizar e destacar a importância do protagonismo das mulheres parteadoras e o poder de sua sabedoria, além da necessidade de ligação com a memória e afirmação cultural como fonte para a resistência de crenças e costumes.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

O projeto consistiu em visitas quinzenais às aldeias potiguara e reuniões semanais na Universidade. Nas aulas de formação audiovisual foram abordados conteúdos de noção básica de fotografia e exercícios práticos para que as alunas pudessem fixar o conteúdo aprendido. No espaço das aulas aplicamos o método da pedagogia crítica baseado na teórica bell hooks, através da qual acredita-se que é necessário conhecer o outro para entendê-lo e, visando amplificar a voz das alunas, trocamos conhecimentos e experiências durante a aula, proporcionando autonomia ao indivíduo através da educação como prática de liberdade. O mais importante é que todos os conceitos trabalhados eram voltados para fotografia com celulares, para que todas pudessem participar com facilidade construindo a compreensão de que a produção de filmes pode ser simplificada e acessível sem a necessidade de muitos equipamentos. Nas sessões de cinema eram exibidos filmes com temáticas indígenas que exploravam temas sobre vida em

comunidade, cultura, tecnologias e tradições (e as reformulações delas). Nas visitas às parteiras, não só tínhamos a oportunidade de registra-las com nossas câmeras, mas de construir laços de amizade, proximidade e confiança. O processo do projeto era completamente entrelaçado pois as discussões das sessões rendiam debates nas aulas de formação de cinema que era quando podíamos, de forma mais particular, conversar com as jovens sobre suas relações com a cultura e identidade, estimulando seu senso de pertencimento e lugar de fala, a partir dos atravessamentos de etnia e gênero. Afinal, o objetivo era que a formação extrapolasse para muito além do aprendizado técnico da produção, mas que se alastrasse para um impulso pessoal delas de contarem suas próprias histórias e representações sobre território, cultura, enfim, suas formas de pertencer e ocupar espaços no mundo. Um ensino de cinema crítico e engajado para as populações indígenas é um passo no processo almejado de quebra da hegemonia das narrativas brancas, urbanas e elitizadas que monopolizam as produções. Também se coloca como proposta de usar o cinema como ferramenta de luta social na busca por direitos, visibilidade e como voz que se levanta em defesa contra regimes totalitários que se empenham no extermínio dessas existências. Das parteiras, ouvimos relatos de que estavam revisitando, ressignificando e repensando seu passado, presente, processos e existências. Muitas estavam resgatando seu orgulho pelas raízes, encontrando significado nas práticas ancestrais e se reconectando. Com as alunas, compreendemos a necessidade de uma pedagogia crítica de ensino com recorte interseccional pois o simples fato de ser mulher dentro de uma cultura patriarcal atravessa todas as vivências e experiências da pessoa e não seria diferente no processo de aprendizado. A arte enquanto ferramenta de luta, e a contínua perseverança no ensino dela, é subverter à cultura normativa, não na ilusão de derrubar as produções subordinadas ao consumo, mas de manter pensamento crítico frente às pressões dos interesses econômicos. Não acreditando que podemos subverter o monopólio de filmes, mas certamente tentar descentralizar a produção (e difusão) de narrativas e levantar a voz contra sistemas de opressão e invisibilização. São essas variáveis que constituem o cerne da atuação desse projeto de extensão e, principalmente, a intenção de impulsionar novas produtoras de narrativas e ampliar a voz das sabedorias das mulheres indígenas.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

No projeto, produzimos mais de mil fotos durante todas as idas às aldeias e mais dezenas de horas de filmagens. As filmagens das parteiras atualmente continuam apenas como arquivo do projeto e, dentre as fotos, selecionamos 13 feitas por alunas voluntárias e bolsistas, que podem demonstrar um pouco do cotidiano das atuações do Partejar. Também tivemos como produto final um curta-documentário realizado pela única aluna que concluiu o curso e foi auxiliada pela equipe universitária da extensão. Durante essa realização, percebemos que o processo macro de engajamento desenvolvido ao longo das aulas influenciou no processo do produto final, que foi, por decisão da aluna, desenvolvido em um processo junto com sua mãe. Partindo de um interesse sobre seu próprio parto e de seus irmãos, a jovem diretora potiguara entrevistou a mãe e passamos várias horas dentro de sua casa em uma das aulas finais ouvindo histórias sobre a vida da entrevistada, seus relacionamentos, seus entendimentos enquanto mãe e enquanto filha também. Foi um processo que, para a aluna-realizadora, engajou uma relação que ativa sua história familiar e afetiva, em uma produção audiovisual comprometida com outros vínculos, de gênero, etnia, ancestralidades e saberes. Todos os diálogos e estímulos influenciaram, direta ou indiretamente, nesses caminhos finais.